

Saulo Sabino, mora no Lago Norte, mas sempre visita seu antigo prédio, na 105 Sul

Meio século de concreto

Diferentemente das demais cidades, em que as pessoas constroem e formam ruas e bairros, boa parte dos prédios de Brasília, em especial os da Asa Sul, foi concluída antes da chegada dos primeiros moradores

» ELISA TECLES

Inaugurados antes mesmo da capital, os prédios mais antigos de Brasília completam 50 anos de história. Blocos residenciais da Asa Sul abrigaram pioneiros que chegaram antes da festa de 21 de abril de 1960. Moradores que estrearam os edifícios acompanharam o crescimento das quadras e nunca mais deixaram os prédios. Da 105 até a 108, passando pela 206, 208, 308 e pelas 700, escutam-se casos da rotina de prédios construídos em uma cidade que ainda não existia.

As expectativas para a conclusão dos prédios que abrigariam os órgãos públicos eram altas. Enquanto os monumentos do centro da cidade eram erguidos, parte dos operários tinha outro objetivo: concluir apartamentos suficientes para receber a primeira leva de funcionários do governo. Eles chegavam de avião diariamente e muitos tinham apartamentos reservados nas primeiras quadras da Asa Sul.

Quando o aposentado Nilton Soares de Freitas, 83 anos, chegou, no início de 1960, o Bloco G da 108 Sul estava pronto e recebia os primeiros habitantes. O edifício ficou pronto no fim de 1959 e recebeu moradores vindos de diferentes órgãos. Nilton trabalhava no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, com dona Sarah Kubitschek e foi transferido para a nova capital. "Brasília não tinha árvore, passarinho, flores. Eu comecei a plantar na quadra tudo o que via no Rio — mangueiras, amoreiras..." lembrou.

Os primeiros moradores do bloco trabalhavam em ministérios, no Banco do Brasil ou na Presidência. Muitos vieram sozinho em busca de melhorias no salário. "Para essa quadra, não veio família com criança pequena. As dificuldades eram grandes para encontrar pediatras e outros serviços. O adulto já sofria muito, era difícil para quem vinha de fora", recordou Nilton. Em quase 50 anos, o aposentado ajudou a quadra a crescer: plantou árvores, fez o parquinho, instalou bancos e calçadas. "A minha luta é não deixar mudar a 108 Sul. Ela foi feita assim, não temos que modificar", defendeu Nilton, prestes a entregar a prefeitura da quadra após 15 anos no cargo.

O Bloco A da 105 Sul nunca deixará de ser a casa do empresário Saulo Sabino Diniz, 62. Mesmo morando no Lago Norte, ele

não passa um dia sem visitar o prédio onde cresceu, promoveu festas e viveu com a família nos primeiros anos de Brasília. O pai era deputado e precisava chegar à cidade antes da inauguração, em 21 de abril de 1960. Pai, mãe e os seis filhos saíram de Belo Horizonte rumo à nova capital e logo fixaram residência no Bloco A da quadra. "Não tinha nenhuma árvore, era só gramado. A gente cresceu com as árvores e hoje é tudo arborizado", lembrou.

Também não havia parquinho ou campo de futebol na quadra. A diversão dos moradores do bloco era se reunir na banca de jornais da 105, a primeira da Asa Sul, que fica em frente ao Bloco A. "Aqui, se reuniam todos os políticos, ficavam batendo papo. Vinham Ulysses Guimarães, depu-

tados e ministros", conta Saulo. Até o escritor Fernando Sabino fez história na banca, quando esteve lá distribuindo autógrafos para a comunidade.

A 105 Sul é uma das quadras mais antigas do Plano Piloto — as placas indicam que os prédios começaram a ser inaugurados em 1960. No local, restam poucos moradores pioneiros, que ocuparam os apartamentos antes de abril daquele ano. As fachadas dos prédios são as mesmas de 50 anos atrás, com peças vazadas na cor marrom cobrindo os fundos. No Bloco A, as esquadrias de madeira deram lugar às de metal, mas a aparência do edifício é mantida pelos moradores. Saulo não pensa em se desfazer do imóvel. "Nossa casa virou um museu. O

passado da família está todo aqui", revelou.

A 107 Sul estava em obras quando o militar Aderson Nunes Sales, 85 anos, desembarcou na capital, em 16 de abril de 1960. Assim que ele chegou ao aeroporto, recebeu as chaves de um apartamento no primeiro andar do Bloco B da quadra. "Tempos antes, havia escolhido a moradia às escuras, sem saber o que esperar da quadra. "Ninguém tinha a menor ideia de como era Brasília. Estava todo mundo escolhendo os prédios, então eu vi a planta e escolhi este daqui", lembrou Aderson.

O militar deixou Rio Branco, no Acre, em 1947, e foi trabalhar no Rio de Janeiro. Lá, sem ter "nem 50 centavos para andar de bonde", pediu a um colega uma

transferência para qualquer lugar do país. "Ele disse que JK estava construindo uma cidade no meio do mato", comentou. Aderson fez as malas, trouxe esposa e quatro filhos. O Bloco B ficou pronto em 21 de março de 1960 — o militar foi o segundo morador do prédio. No terreno da 307 Sul, só havia um barracão. O posto de gasolina não existia e as pilhas de material de construção se multiplicavam nas redondezas. "Sobrava muito material. Esse prédio tem parede que não há broca que fure. Eles faziam de concreto mesmo, não tem tijolo", ressaltou o militar, que trabalhou como regente da banda do Batalhão da Guarda Presidencial.

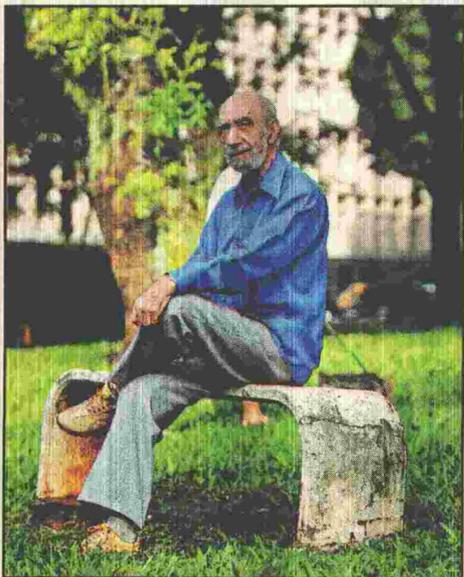
O comércio local da quadra funcionava, mas as grandes compras eram feitas longe dali. O

ponto forte da Asa Sul era a W3, em particular a Quadra 40 — onde hoje são a 507 e a 508 Sul. Comprar roupas para as crianças, só em Anápolis (GO). A maior diversão na 107 Sul era ficar na janela dos blocos adivinhando qual seria o próximo carro a passar na rua em frente. "Não tinha mais o que ver", justificou o militar. A quantidade de veículos nos estacionamentos foi uma das poucas mudanças na 107 Sul em quase 50 anos. "Quando cheguei, só tinha um morador no prédio. Hoje, tem mais carros e mais gente", completou Aderson.

Mudanças

O bloco B da 107 Sul conserva os tradicionais cobongós, peças vazadas que permitem a entrada de luz e de vento no edifício. O térreo está passando por uma obra completa no piso e nas portarias. Depois de 50 anos, surge a necessidade de reforma nos prédios mais antigos da capital. O tombamento de Brasília preserva as dimensões dos prédios residenciais, mas não as cores e revestimentos. Ou seja, é proibido construir varandas ou um andar extra, mas pode-se mexer na fachada.

No documento *Brasília revisitada*, escrito por Lucio Costa, o urbanista afirma que as superquadras devem ter "a serenidade urbana assegurada pelo gabarito uniforme de seis pavimentos, o chão livre e acessível a todos através do uso generalizado dos pilotis e o franco predomínio do verde". Reformas podem ser feitas sem ferir o tombamento, desde que seguidas algumas regras. Segundo recomendações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o arquiteto responsável pelo projeto deve registrar as plantas na administração regional, que concede os alvarás. Algumas mudanças são consideradas prejudiciais à volumetria das construções, como aumento da altura ou da área do prédio, ocupação de áreas verdes, fechamento dos pilotis e ausência de árvores de porte nas superquadras.



O aposentado Nilton Freitas e seu bloco, na 108 Sul, com os clássicos cobongós: "Eu comecei a plantar na quadra tudo que via no Rio"

